



Arte sobre foto de Sebrau/123RF

# vida escolar



# Apresentação

## O que a escola faz?

**E**ste dossiê é fruto de uma iniciativa que vem sendo realizada na Faculdade de Educação da USP desde o primeiro semestre de 2019, envolvendo docentes de várias áreas dos departamentos de Filosofia da Educação e Ciências da Educação e de Metodologia do Ensino e Educação Comparada e uma professora da Unifesp, e consiste no desenvolvimento de ciclos de palestras destinados aos alunos de graduação e de pós-graduação da unidade<sup>1</sup>.

---

1 A primeira edição (primeiro semestre de 2019), com o título “A formação da biblioteca pessoal: efeitos refeitos”, examinou as questões relativas ao desenvolvimento do gosto pela leitura e à formação da biblioteca pessoal (para alguns, “biblioteca interior”) em nossas trajetórias. Tais reflexões originaram um dossiê publicado na *Revista Brasileira de Pesquisa Autobiográfica*, em seu número 17, volume 6, de janeiro a abril de 2021. A segunda edição (segundo semestre de 2019), intitulada “Obras literárias e seus efeitos (sentidos) educativos”, elaborou análises que reconstituíam potenciais efeitos formativos

Para a quarta edição do ciclo, concretizada no primeiro semestre de 2022, tivemos como objetivo explorar as múltiplas aprendizagens constituídas de docentes e discentes em meio à cultura escolar, concedendo atenção especial, nessa operação, às convocações, empréstimos e trânsito de conhecimentos no domínio educacional mostrados em interlocuções com diferentes vertentes teóricas. Convém mencionar que, em 2015, a Edufu (Editora da Universidade Federal de Uberlândia)

---

de algumas obras literárias. Os trabalhos (com o título “Contribuições da literatura para a história da educação”) foram editados em *Cadernos de História da Educação* (v. 21, fevereiro de 2022). No primeiro semestre de 2020, quando vivíamos a pandemia, a terceira versão do ciclo fez-se numa roupagem distinta, não gerando intervenções na programação das disciplinas da graduação e pós-graduação da FEUSP, dada a necessidade do distanciamento social. Propiciou, mesmo assim, investigações que integram um dossiê da revista *Estudos Avançados* do IEA-USP, n. 36 (105), de maio de 2022. Nesta terceira edição do ciclo de palestras, dedicamo-nos a autores como Durkheim, Chartier, Bourdieu, Scheffler, Azanha e M. H. Souza Patto e pretendemos estimular a reflexão sobre livros e autores que se tornaram “clássicos” para cada um de nós e para a área educacional, que podem ser ou não reconhecidos como “clássicos” no sentido tradicional do termo.



publicou o livro *O que a escola faz? Elementos para a compreensão da vida escolar*, que reuniu, dentre mais, contribuições de professores que agora propõem aqui o dossiê. Recupera-se o núcleo de interesses que motivou o livro e, se ali se fizeram presentes estudos sobre a multiplicidade de práticas e formas de convivência e de aprendizado, cujos efeitos nem sempre são apreensíveis de modo imediato e amplo, agora se volta a atenção para o exame de algumas matrizes teóricas que podem fazer proliferar o entendimento da questão. Trata-se de contribuir para a análise das formas pelas quais as apropriações de diferentes matrizes das ciências e das artes podem gerar proposições para a educação e a vida escolar ao configurarem modalidades de entendimentos sobre elas.

As matrizes a que nos referimos, sejam teóricas ou conceituais, integram a história da escola porque dizem respeito a um conjunto de saberes que estabeleceram ideias-chave para imaginar e projetar essa instituição. Apenas a título de exemplo, valeria lembrar as noções de infância, autonomia e aprendizagem mobilizadas pela Escola Nova, movimento mundialmente difundido nas décadas iniciais do século XX que agregou, de forma paradigmática, a formação de professores, bem como inúmeros projetos de renovação do funcionamento do ensino. A segunda metade do século XX passou a ser marcada pela preocupação com outras ideias, as quais foram substituindo paulatinamente as preocupações com o aluno tão marcantes no escola-novismo. Desde então, os cursos de formação docente tornaram-se mais atentos à organização institucional da escola, com ênfase na proposição de metodologias de ensino. Outros exemplos

poderiam ser evocados para evidenciar a composição de diferentes matrizes que são apropriadas, geram e movimentam aquilo que se faz e se espera da escola.

Perguntar sobre as nossas matrizes teóricas significa buscar compreender com quais referências a escola é entendida, projetada e vivida. Quais autores, textos, ideias são mobilizados para definirmos o trabalho de professores e alunos? Quais métodos são indicados em determinados momentos para ensinar? De que maneira justificamos nossos princípios? O que queremos da ação pedagógica? As matrizes teóricas aqui podem ser entendidas como uma espécie de “comunidade de sentido” (quem sabe, espécies de “paradigmas”?) compartilhada por educadores de diferentes lugares. Elas circulam entre os educadores, incluindo desde explicações oriundas das ciências sobre as crianças, justificativas para o uso de determinados métodos, definições sobre os papéis dos professores e da escola, até prescrições minuciosas sobre como agir em sala de aula. Os artigos deste dossiê caminhem ancorados em autores e ideias que, de certo modo, já circulam nas produções acadêmicas com significativo reconhecimento. Muitas referências são revisitadas, convidando a reflexões ainda necessárias sobre as possíveis compreensões do que a escola faz. Por um lado, o conjunto de textos conduz a refletir sobre os grandes sistemas de pensamento, que forjaram tradições intelectuais e ainda hoje se fazem presentes no campo educacional. Os textos também incidem sobre o debate de fontes e métodos de produção do conhecimento da área. E, por fim, sugerem matrizes teóricas que podem ser elaboradas para inspirar uma escola mais fértil e justa.

As possibilidades de conhecimento oferecidas por esse enquadramento dizem respeito aos conteúdos curriculares e às descobertas que a vida relacional escolar proporciona mediante a interação entre estudantes e professores, entre os próprios estudantes e destes com os demais membros da comunidade escolar. Essas possibilidades também auxiliam na compreensão das disposições ativadas e exercitadas na apropriação dos saberes que habitam o ambiente escolar e estão direta e indiretamente atrelados aos processos de formação. Refletir sobre a escola envolve o exame das circunstâncias em que foi possível *descobrir alguma coisa* por meio das experiências institucionais, de formação e de relações com o conhecimento ali concretizadas. Ao mesmo tempo, envolve o exame dos discursos forjados sobre a instituição. Diversas dimensões da vida e da cultura escolares são examinadas e, simultaneamente, ao apostar nessa perspectiva como ponto de partida de análises enraizadas na história, psicologia, sociologia, didática ou literatura, pode-se alcançar maior mobilidade e, em alguns casos, a dissolução de fronteiras disciplinares na produção de conhecimentos sobre formação de professores e sobre os processos educativos em geral.

\*\*\*

Cada um dos artigos refere-se a uma matriz específica, diferenciando-se entre si no tipo de questão e delimitação temática analisados. Denice Barbara Catani discute problemas da natureza do conhecimento do social presente na literatura. O ensaio “Annie Ernaux e a educação: ficção, autobiografia e compreensão sociológica” pri-

vilegia a análise de dois livros da autora, *O lugar* (2021) e *A vergonha* (2022). A análise indaga sobre os saberes da literatura, da ficção e da autobiografia e sobre partilhas possíveis entre a educação, literatura e ciências humanas. Annie Ernaux (Prêmio Nobel de Literatura em 2022) retoma em suas obras as histórias de sua formação: aprendizado formal e informal e suas vicissitudes na escola e na família, como, por exemplo, “a progressiva distância que se impõe entre ela e seus familiares conforme avança sua educação formal e ela se afasta da condição de origem, as classes populares”. A reconstrução do tempo vivido questiona as relações entre o individual e o coletivo, levando a reflexões acerca de sentimentos, emoções, trabalho, projetos de vida. E as obras circulam impregnadas por interpretações e memórias que se produzem nos cruzamentos de territórios da sociologia e da literatura, ancorando-se na sociologia de Pierre Bourdieu, segundo a própria autora.

Partindo também de uma produção literária mais especificamente autobiográfica, Vivian Batista da Silva reflete sobre possíveis matrizes teóricas para a didática e a formação de professores analisando o *Fora do lugar*, livro escrito por Edward Said (2004). Como Annie Ernaux, Said trata da ideia de lugar de um ponto de vista social, permitindo compreender como o sofrimento se coloca nessa perspectiva e é vivido na escola. Tomando como ponto de partida as memórias de Edward Said, esse artigo destaca seu potencial explicativo sobretudo à luz do que a didática e os estudos sobre a formação de professores produzem para compreender sentimentos vividos no cotidiano da escola. A narrativa interessa pelas

descrições do que foi vivido pelo autor em seus tempos de aluno, quando experimentou rupturas, exclusões, frustrações, inseguranças e medos, sentimentos muitas vezes relacionados ao estar *fora do lugar*. São memórias fecundas porque se mesclam a retomadas de contextos históricos e desvendam processos de dominação, que podem acontecer entre estudantes e professores de uma escola, na partilha física do mesmo espaço, ao mesmo tempo.

As obras de Annie Ernaux e Edward Said e suas ressonâncias para o entendimento do que significa a sensação de deslocamento permitem uma compreensão mais acurada da cultura escolar, conceito explorado por Renata Marcílio Cândido no artigo “Entre objetos, práticas e instituições: aprendizados sobre a vida e a cultura escolar”. Tal discussão ganha relevo no presente dossiê porque permite apreender justamente aquilo que é específico da vida institucional de alunos e professores, para além da ideia simplificada segundo a qual a escola seria um mero simulacro da vida social. A autora mobiliza suas memórias de formação inicial e continuada e os conceitos de *cultura e forma escolar* como eixos organizadores das reflexões. Muitos anos de investigação confirmam a tenacidade dos conceitos e as formas pelas quais eles se complementam em um movimento fértil para a apreensão das especificidades da escola, da profissão e da carreira docente. Autores clássicos como Dominique Julia (2001), Viñao Frago (2001) e o texto inaugural de Vicent, Lahire e Thin (1991) são retomados para dar relevo ao debate que chega aos dias atuais, especialmente para pensar as questões da escola e do ensino no período após a pandemia.

Patrícia Aparecida do Amparo indaga-se sobre o que a escola faz analisando justamente aquilo que é esquecido entre as práticas de alunos e professores. Destaque-se a metáfora profícua evocada no título do artigo “Tornar visível o invisível: a aprendizagem escolar da leitura como um problema de *percepção* e de *esquecimento*”. Sua originalidade reside na percepção de que algumas práticas não são desejadas nem aclamadas no universo escolar. Para tanto, dialoga com as formulações de Bernard Lahire e com estudantes do ensino médio, quando falam sobre suas experiências de escolarização. Busca, ainda, configurar um ponto de vista para a análise, articulando reflexões sociológicas, didáticas e experiências pessoais. O ensaio aposta na ideia de que tornar visíveis referências e representações de leitura invisíveis no espaço escolar seria um caminho promissor para a ampliação da compreensão do que se pode aprender nas instituições educativas.

A busca por alternativas mais férteis de formação também marca o artigo de Ana Laura Godinho Lima, que interroga: “Sobre o que versa a vida na escola?” A autora tece “considerações sobre as experiências culturais a partir de Winnicott”, a vida na escola como o ambiente privilegiado para as experiências culturais, detendo-se no evento da aula e no espaço da sua realização, a sala de aula. Retomando os escritos do pensador, são elaboradas reflexões sobre o ambiente da aula como um local que pode ser considerado privilegiado ou não para as experiências culturais, ou ainda as experiências culturais como transicionais, ou seja, experiências que simultaneamente nos unem e nos separam dos outros e do mundo

compartilhado. A sala de aula é concebida como um espaço potencial, que corresponde a uma região intermediária entre o mundo subjetivo e o mundo objetivamente percebido. Para o psicanalista, as experiências culturais contemplam um tipo de necessidade diferente daquelas ligadas à sobrevivência biológica, mas ainda assim vitais, uma vez que, como supõe o autor, é sobre essas experiências que *versa a vida*.

Juliana de Souza Silva, por sua vez, atenta para a trajetória escolar de um dos intelectuais brasileiros mais reconhecidos nas ciências humanas. “Florestan Fernandes: entre o *autodidatismo* e o *segundo nascimento*” identifica experiências e razões do sucesso escolar e acadêmico do autor e seus significados frente às lógicas de uma história de vida que, a despeito da origem social, lhe permite ascender a lugares de prestígio e reconhecimento. Advindo da condição de *lumpemproletariado* (em suas palavras), alcançou o mais alto cargo docente da universidade de sua época, o de professor catedrático. Os depoimentos de Florestan Fernandes apontam as dificuldades de ser estudante da USP durante o processo que equivaleu a um “segundo nascimento” (Bourdieu, 2013, p. 110), quando teve que assimilar saberes e formas de ser distantes de sua classe de origem. Frente às exigências docentes, viu-se impelido a recorrer ao *autodidatismo*. E na medida em que conseguia transitar tranquilamente pela universidade, distanciava-se do que fora até ali. Assim, enquanto se *aculturava*, abandonava *Vicente* (nome que recebeu da patroa de sua mãe) para fazer nascer *Florestan*, o respeitado intelectual.

Katiene Nogueira da Silva prolonga as discussões sobre os efeitos da cultura escolar atentando para um dos clássicos das ciências sociais mais utilizados nos cursos de formação para o magistério. “Conduzir e conformar: o que a escola faz ao instituir práticas de moralização? Pensar a educação moral no Brasil com Émile Durkheim” analisa o que a escola faz ao instituir práticas de moralização neste espaço. A crença em que uma população bem moralizada garantiria o bom funcionamento da vida social foi bastante difundida na literatura pedagógica e nos discursos do campo educacional. Inicialmente trazida pela influência do catolicismo na educação, depois é fortalecida pelos ideais republicanos, que a tomam como um dos pilares da organização nacional. Émile Durkheim (2008) assevera que na sociedade moderna o melhor lugar para a moralização seria mesmo a instituição escolar, devido à insuficiência moralizadora da família. A escola era considerada por ele como a “fonte” da moralidade pública, que incutiria as normas e as regras para manutenção da vida coletiva. Durkheim falava em educação como processo de socialização, com o fim de suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais.

Roni C. D. de Menezes sublinha algumas das heranças de matrizes teóricas que inspiraram a edificação da escola pública. “A educação no pensamento conservador-autoritário brasileiro das primeiras décadas do século XX” corresponde a “um exame do ‘intérprete do Brasil’ Alberto Torres”. Menezes tece explicações acerca da emergência de um discurso e de um projeto de intervenção gestados no inte-

rior de um campo simultaneamente conservador e autoritário que se desenha no Brasil a partir da década de 1910. Muito provavelmente, essa tônica autoritária ainda se faz presente em discursos e práticas educacionais, não obstante as tentativas de democratização das oportunidades escolares e da gestão da vida de alunos e professores. Uma proposta como essa desvela mecanismos que podem parecer atenuados nas produções educacionais da atualidade, mas que precisam ser reconhecidos para uma compreensão mais acurada daquilo que forjou o programa de modernização da sociedade brasileira.

Em suas várias contribuições, o dossiê elabora um conjunto de discussões ora atentas a autores específicos, ora a fontes

literárias, ora a conceitos ou momentos históricos que permitem conhecer ou reconhecer problemas legítimos comuns ao campo educacional, mas também à vida dentro e fora da escola. Matrizes para compreensões, móveis para o desenvolvimento de práticas ou reinvenção de relações entre conhecimentos e rupturas de fronteiras disciplinares, autores, conceitos e ideias selecionados aqui devem fazer proliferar entendimentos que contribuam para uma escola mais justa.

**Denice Barbara Catani**  
**Vivian Batista da Silva**  
**Renata Marcílio Cândido**